

Karen Blixen

ÁFRICA MINHA
e
SOMBRAS NO CAPIM

Tradução
Ana Falcão Bastos
Cláudia Brito

Prefácio
Laurinda Alves



Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

© *África Minha*, 1937, Karen Blixen,
renovado em 1965 pela Rungstedlund Foundation
© *Sombras no Capim*, 1960, Isak Dinesen, 1960
Os dois livros são publicados com o acordo de Gyldendal Group Agency
Direitos para esta edição:
© 2019, Clube do Autor, S. A.
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º
1050-019 Lisboa, Portugal
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21
info@clubedoautor.pt

Título original: *Out of Africa + Shadows on the Grass*
Autor: Karen Blixen
Tradução *África Minha*: Ana Falcão Bastos
Tradução *Sombras no Capim*: Ana Falcão Bastos e Cláudia Brito
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes,
em caracteres Revival
Impressão: Multitipo – Artes Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-441-4
Depósito legal: 456909/19
1.ª edição: Julho, 2011
2.ª edição: Julho, 2019

www.clubedoautor.pt

VIVEMOS DE CLÁSSICOS ETERNOS

«*I had a farm in Africa*», eis as palavras que continuam a fazer eco em quem viu o filme *África Minha*, de Sydney Pollack. Há imagens que não se esquecem e vozes que não se apagam. A voz de Meryl Streep marcou o tempo e revelou ao mundo a atmosfera de beleza e luz de uma plantação de café no Quênia, onde o esplendor da natureza apenas se comparava com a grandeza dos homens e mulheres que lá viviam e trabalhavam. Ou visitavam a casa.

Sabemos que podemos voltar a este lugar sempre que quisermos, mas talvez nos falte saber que o livro é o melhor filme que algum dia poderemos ver. A poesia das imagens é deslumbrante, feérica e intimista, mas não atinge toda a paisagem nem cobre a infinita extensão do horizonte. Não desoculta tudo aquilo que Karen Blixen nos quis confiar neste seu livro e apenas a leitura pode alcançar. No cinema vemos e guardamos imagens arrebatadoras, silêncios exaltantes, diálogos transformadores.

«*You ruined my being alone.*»

O eterno caçador solitário Denys Finch-Hatton, imortalizado por Robert Redford, precisou apenas de cinco palavras para confessar todo o seu amor. E jamais esqueceremos as suas palavras, porque elas são a medida, a profundidade e as alturas a que o amor romântico pode chegar.

Vi o filme várias vezes, sempre de forma apaixonada, mas o melhor que Karen Blixen nos deixou não ficou refletido no ecrã. O melhor da autora são as palavras que escreve e a forma como descreve a natureza.

Falo da natureza-mãe, mas acima de tudo da natureza humana. De tudo aquilo que trazemos em nós.

Ler um clássico ou voltar a ele uma e outra vez — como fazemos também com certos filmes — permite-nos saborear, ver com olhos mais limpos e ouvir com ouvidos mais puros tudo o que lá está. Ajuda-nos a fazer a composição do lugar e a colocarmo-nos no meio das personagens. Mais do que personagens, diria no meio das pessoas, pois cada uma tem uma vida tão única e tão real que a luz e as sombras da sua existência se projetam na nossa própria história.

Karen Blixen escreve com paixão e autenticidade, usa palavras simples para descrever realidades complexas e fala connosco como se nos conhecesse. Como se nos estivesse a escrever uma longa carta, com descrições e pormenores que só se contam a grandes amigos. Intimista, detalhista, vê o direito e o avesso de cada um, mas cose frente e verso com linhas tão subtis que o invisível se torna naturalmente visível. Ficamos com a sensação de que tudo é força em nós, mesmo aquilo que sentimos como fraqueza.

A fragilidade humana comove Karen Blixen, que atravessa a paisagem mil vezes em busca de ajudas, sempre pronta a socorrer com as suas próprias mãos e os meios mais ou menos escassos de que dispõe. Salva vidas e resgata a dignidade e a esperança de muitos dos que, com ela, habitam a casa e trabalham no cafezal. Não consegue salvar sempre, mas não desiste nunca.

No sopé das montanhas Ngongo, a cento e sessenta quilómetros do equador, a fazenda de Karen Blixen parecia estar muito perto do Sol. «A situação geográfica e a altitude combinavam-se para criar uma paisagem inigualável. A terra não era farta nem luxuriante; era África destilada por dois mil metros de altitude, a essência forte e depurada de um continente.»

O cultivo do café, escreveu Karen Blixen, é um trabalho árduo que se apodera de quem trabalha no cafezal. Naquela altitude excessiva, para produzir bom café, era preciso ainda mais trabalho e resistência do que seria habitual, mas Karen Blixen atravessou ao lado dos seus trabalhadores os tempos mais adversos e mais favoráveis. Resistiu a períodos de seca, a doenças que se alastravam e a ervas daninhas que cresciam e se fortaleciam mais que o próprio café. Um dia, ao sobrevoar as montanhas e a planície com o seu amigo Denys, deu-se conta da maravilha do trabalho que todos faziam na plantação.

«Quando sobrevoei África, familiarizei-me com o aspeto da minha plantação vista do ar e fiquei cheia de admiração por ela, de um verde muito vivo na terra de um verde-acinzentado; foi então que compreendi como a mente humana está apegada às figuras geométricas. Toda a região à volta de Nairobi, particularmente a norte da cidade, está cultivada de uma maneira semelhante, e aqui vive uma população constantemente a pensar e a falar em plantar, podar e colher café, e que se deita à noite e fica a meditar nos melhoramentos que pode introduzir nas suas fábricas de café.»

Era este o espírito. E era esta a dimensão e o alcance de tudo o que Karen Blixen queria também para a sua plantação. Entregou-se às pessoas e à terra, trabalhou, contemplou, absorveu, plantou, regou e colheu. Tudo em medidas desmedidas, pois cada dia tinha os seus dramas e a todas as horas havia necessidades diferentes. Karen Blixen amava cada um dos que habitavam a sua casa e tratava-os pelos nomes, como família. Cuidava deles e era capaz de sair da cama a meio da noite para procurar um médico, para ir buscar um remédio ou para ela própria levar alguém ao hospital.

Comove ler o que Karen Blixen escreve, pela elevação e o talento, mas também pela sensibilidade ao mundo à sua volta. Compreensiva e sensata, era uma mulher muito culta e muito educada, que incorporava a cultura dos indígenas. Cultivava a proximidade com os seus, mas também acolhia desconhecidos e forasteiros que chegavam à fazenda. Interessava-se pelas vidas deles, pela forma como cada um se revelava. Tinha sentido de humor e percebia sempre quando a estavam a tentar enganar ou, simplesmente, como desviar as atenções e evitar os temas.

A uma pergunta direta, por exemplo, quantas vacas tinha, dava uma resposta evasiva:

«Tantas quantas lhe disse ontem.»

Durante os anos em que viveu em África e teve a sua fazenda e a plantação de café, Karen Blixen acumulou sabedoria e experiências. Fez-se nativa quando estava com os nativos, indígena quase tanto como os indígenas, «homem de negócios» em discussões acesas com vendedores de gado e produtores de café, e também uma autêntica mulher de armas em caçadas noturnas a leões e elefantes. Ao mesmo tempo, mantinha-se elegante, sedutora e capaz dos gestos mais românticos e apaixonados.

Apasionante. Verdadeiramente apaixonante, Karen Blixen escreve como se nos falasse ao ouvido. Como se nos contasse segredos para

ficarem entre nós. Como se estivéssemos ainda ao seu lado, e ela permanecesse na sua fazenda. Transporta-nos, leva-nos pela mão, instala-nos na sua casa e cuida de nós como sempre cuidou dos seus hóspedes mais queridos.

Sentimo-nos em casa, em sua casa. Genial nas palavras que escreve, ainda hoje nos acompanha pela planície e sobe connosco as montanhas. Vamos ao seu lado nos voos que fez com Denys Finch-Hatton sem nos sentirmos a mais, porque o coração de Karen Blixen era uma morada com lugar para todos. Impressiona muito a forma como o seu coração explode e bate pelo amor mais puro e avassalador por um homem, mas também se expande e acelera pelo rapazinho mais frágil que havia entre os kikuyus. Karen Blixen era de todos e talvez nunca tivesse sido de ninguém. Era grande, muito grande. E amava muito, muitos.

Ler um clássico como *África Minha* é poder viajar no tempo sem nos perdermos, encontrando tudo aquilo que procuramos. Mesmo quando nem sequer sabíamos que andávamos à procura. E é isso que faz um verdadeiro clássico e torna um livro intemporal: leva-nos por caminhos nunca percorridos para nos fazer chegar a lugares que somos capazes de reconhecer em qualquer época, latitude e circunstância.

Neste grande livro aprendo a olhar e a ver, a reconhecer o essencial, a não julgar, a acolher sempre, a rir com os que riem e a chorar com os que choram.

Com Karen Blixen viajo para longe e apanho a boleia da sua incrível coragem para também eu partir à aventura. Fortaleço-me na sua fortaleza interior de caçadora e amazona capaz de cavalgar planícies infinitas. E vou contagiada pela sua alegria de viver e pela sua confiança transbordante, contagiante. Vou feliz e, tal como ela, também eu me sinto voar.

Karen Blixen compreendeu e interiorizou o ritmo de África, entregou-se às pessoas com paixão e cuidou da terra com devoção. Escreveu um livro arrebatador e revelou um universo de emoções, cheiros e cores exaltantes. Deixou uma obra intemporal sobre o amor, a resiliência, a alegria do acolhimento e o espírito de aventura. Imperdível.

Laurinda Alves
Junho de 2019

ÁFRICA MINHA

I.

Kamante e *Lulu*

«Das florestas e planaltos viemos, viemos»

1

Uma fazenda nas montanhas Ngongo

Tive uma fazenda em África, no sopé das montanhas Ngongo.

O equador passa cento e sessenta quilómetros a norte desta região, e a fazenda ficava a uma altitude de mais de dois mil metros. Durante o dia sentíamos-nos mais perto do Sol, mas as madrugadas e os fins de tarde eram límpidos e tranquilos e as noites frias.

A situação geográfica e a altitude combinavam-se para criar uma paisagem inigualável. A terra não era farta nem luxuriante; era África destilada por dois mil metros de altitude, a essência forte e depurada de um continente. As cores eram secas e queimadas como as da cerâmica. As árvores tinham uma folhagem leve e delicada, com uma estrutura diferente das da Europa; não crescia em arcos nem em cúpulas, mas em camadas horizontais, fazendo com que as árvores solitárias e altas se assemelhassem a palmeiras ou conferindo-lhes um ar heróico e romântico de galeras de velas desfraldadas, e à orla da floresta uma estranha aparência, como se toda ela vibrasse ligeiramente. Sobre a erva das vastas planícies havia velhas árvores dispersas, retorcidas e espinhosas, e a erva era aromática como o tomilho e a murta; em certos lugares o odor era tão intenso que fazia arder as narinas. Todas as flores que se encontravam nas planícies ou nas trepadeiras e lianas da floresta eram minúsculas como flores dos prados, e só no início da longa estação das chuvas florescia uma profusão de grandes lírios perfumados. Os panoramas eram imensamente vastos e

tudo o que se avistava evocava grandeza, liberdade e uma incomparável nobreza.

A principal característica da paisagem, e da vida que nela se vivia, era o ar. Ao recordar uma temporada passada nos planaltos africanos fica-se com a impressão de ter vivido, durante algum tempo, suspenso. O céu raramente tinha uma tonalidade mais forte do que azul-pálido ou lilás, com uma profusão de nuvens imensas, imponderáveis, em constante mutação, acasteladas ou parecendo vogar, mas era sempre de um azul vigoroso que, a uma curta distância, tingia as cordilheiras e os bosques de um azul-escuro intenso. A meio do dia, o ar era uma coisa viva sobre a terra, como uma chama a arder; cintilava, ondeava e brilhava como água corrente, espelhava e duplicava todos os objectos, criando grandes miragens. Nos cumes lá do alto, respirava-se com facilidade e inalava-se uma confiança vital e leveza de coração. Quando se acordava de manhã, pensava-se: «Aqui estou eu, onde devia estar.»

As montanhas Ngongo estendem-se de norte a sul, numa longa cordilheira, coroada por quatro nobres picos semelhantes a vagas de um azul mais escuro, imóveis contra o céu. Erguem-se dois mil e quinhentos metros acima do nível do mar e, para leste, setecentos metros acima da região circundante; mas, para oeste, o declive é mais acentuado e íngreme — as montanhas precipitam-se na vertical até ao grande vale do Rift.

O vento nas montanhas sopra constantemente de nordeste. É o mesmo vento a que, nas costas da África e da Arábia, chamam monção, o vento leste, que era o cavalo favorito do rei Salomão. Lá no cimo sentimo-lo apenas como resistência do ar provocada pelo avanço da Terra no espaço. O vento vem embater contra as montanhas Ngongo e as encostas seriam o lugar ideal para colocar um planador que se elevaria acima do cume, arrastado pelas correntes. As nuvens, que viajavam com o vento, embatiam contra os flancos do monte e ficavam a pairar em torno dele, ou presas no cimo, desfazendo-se em chuva. Mas as que subiam mais alto e vogavam para longe dos escolhos dissolviam-se a ocidente, sobre o deserto escaldante do vale do Rift. Muitas vezes, da minha casa, segui essas imensas procissões que avançavam, surpreendida por ver as orgulhosas massas flutuantes desvanecerem-se no ar azul e desaparecerem mal passavam sobre as montanhas.

Essas montanhas, vistas da fazenda, mudavam de aspecto muitas vezes no decurso do dia, parecendo ora muito próximas, ora muito distantes. Ao entardecer, quando começava a ficar escuro, ao olhar-se para elas era como se uma fina linha prateada houvesse sido traçada no céu ao longo da sua silhueta escura; depois, quando a noite caía, os quatro picos pareciam achatar-se e aplanar-se, como se os montes estivessem a esticar e a alastrar.

Das montanhas Ngongo tem-se um panorama inigualável, avistando-se a sul as vastas planícies da grande região de caça que se estende até ao Kilimanjaro; em direcção a leste e a norte, a região, semelhante a um parque, dos sopés das montanhas com a floresta por trás e a zona ondulante da reserva dos kikuyus, que se estende até ao monte Quénia, a cento e sessenta quilómetros de distância — um mosaico de pequenos milheirais, bananais e pastos quadrados e, aqui e acolá, o fumo azul de uma aldeia nativa, um minúsculo aglomerado semelhante a montículos de terra pontiagudos construídos por toupeiras. Mas lá muito em baixo, em direcção a oeste, avista-se a paisagem seca, lunar, da planície africana. O deserto castanho é irregularmente salpicado pelas marcazinhas dos espinheiros, os leitos dos rios coleantes são acentuados por tortuosas faixas verde-escuras; são as matas de acácias vigorosas, ramalhudas, de espinhos semelhantes a lanças; aqui cresce o cacto e é este o reino da girafa e do rinoceronte.

A região das montanhas propriamente dita, quando nela se penetra, é tremendamente vasta, pitoresca e misteriosa, entrecortada de longos vales, matagais, encostas verdejantes e penhascos rochosos. Lá no alto, abaixo de um dos picos, existe mesmo uma mata de bambus. Nas montanhas há fontes e nascentes junto das quais estive acampada.

No meu tempo, o búfalo, o antílope e o rinoceronte viviam nas montanhas Ngongo — e os nativos mais velhos recordavam-se de uma época em que também lá havia elefantes —, e sempre lamentei o facto de toda a montanha não estar incluída na reserva de caça. Só uma pequena parte dela pertencia à reserva e havia um marco no pico sul a assinalar os seus limites. Quando a colónia se tornar próspera e Nairobi, a capital, se transformar numa grande cidade, as montanhas Ngongo podem vir a constituir uma reserva excepcional. Mas durante os últimos anos que passei em África, muitos jovens de Nairobi acorriam às montanhas ao domingo, nas suas motos, e disparavam contra tudo o que mexia. Por isso penso que a

caça grossa deve ter fugido das montanhas, dirigindo-se para sul, através dos matagais de espinheiros e dos terrenos pedregosos.

Era muito fácil caminhar na crista das montanhas e mesmo nos quatro picos; a erva era rasteira como num relvado, com a pedra cinzenta a irromper, aqui e ali, por entre o verde. Um estreito trilho de caça corria entre os picos em ziguezagues suaves. Uma manhã, na época em que estava acampada nos montes, subi até ali e caminhei ao longo do trilho, onde encontrei pegadas recentes e excrementos de uma manada de antílopes. Esses grandes animais pacíficos deviam ter estado na crista dos montes ao pôr do Sol, deslocando-se numa longa fila, e não é possível imaginar que tivessem vindo por qualquer outro motivo que não fosse olhar para a paisagem de ambos os lados, lá muito em baixo.

Cultivávamos café na minha fazenda. O terreno ficava a uma altitude excessiva para o café e era preciso muito trabalho para produzir alguma coisa. Nunca enriquecemos na fazenda. Mas uma plantação de café é algo que se apodera de nós e não nos larga, havendo sempre qualquer coisa para fazer: em geral, o trabalho está um bocadinho atrasado em relação ao que devia.

Na aridez e irregularidade da região, uma parcela de terreno preparada e plantada como deve ser tinha um óptimo aspecto. Mais tarde, quando sobrevoei África, familiarizei-me com o aspecto da minha plantação vista do ar e fiquei cheia de admiração por ela, de um verde muito vivo na terra de um verde-acinzentado; foi então que compreendi como a mente humana está apegada às figuras geométricas. Toda a região à volta de Nairobi, particularmente a norte da cidade, está cultivada de uma maneira semelhante, e aqui vive uma população constantemente a pensar e a falar em plantar, podar e colher café, e que se deita à noite e fica a meditar nos melhoramentos que pode introduzir nas suas fábricas de café.

O cultivo do café é um trabalho árduo. Nem tudo corre como se imagina quando, cheios de juventude e de esperança, sob a chuva torrencial, tiramos os caixotes de rebentos brilhantes dos viveiros e, com o auxílio de todos os braços existentes na fazenda, observamos as plantas serem dispostas em filas regulares de buracos abertos no terreno molhado onde virão a crescer e, seguidamente, as protegemos bem do sol, com ramos de arbustos, já que a obscuridade é propícia aos rebentos. Só daí a quatro ou cinco anos as árvores darão fruto e, entretanto, haverá secas ou doenças

e as intrépidas ervas daninhas da região cobrirão os campos — o picão, com as suas vagens retorcidas e longas que se prendem à roupa e às meias. Algumas das árvores foram mal plantadas, com a raiz mestra dobrada, e morrem precisamente quando começam a florir. Plantam-se mais de mil e duzentos rebentos por hectare, e a minha plantação tinha trezentos hectares; os bois transportavam os cultivadores pelos campos acima e abaixo, entre as filas de árvores, durante centenas de quilómetros, esperando pacientemente abundâncias futuras.

Há períodos de grande beleza num cafezal. Quando a plantação florescia no início da época das chuvas, era deslumbrante, como uma nuvem de giz por entre a cacimba e a chuva miudinha que caem sobre trezentos hectares de terreno. A flor do cafezeiro tem um aroma delicado, ligeiramente amargo, como a flor do espinheiro-negro. Quando as bagas maduras tornavam o campo vermelho, todas as mulheres e crianças, a quem chamam *totos*, eram convocadas para colher o café das árvores, juntamente com os homens; seguidamente, os carros e carroças levavam-no para a fábrica situada à beira do rio. A nossa maquinaria nunca era aquilo que deveria ser, mas havíamos sido nós mesmos a conceber e construir a fábrica e tínhamos muito orgulho nela. Uma vez a fábrica inteira ardeu e teve de ser reconstruída. O grande secador de café girava sem parar, agitando ruidosamente os grãos no seu ventre de ferro com um som de seixos rolados pelas vagas à beira-mar. Por vezes era a meio da noite que o café ficava seco e pronto para ser tirado das máquinas. Era um momento curioso, com imensos lampiões a brilhar na escuridão da fábrica, iluminando teias de aranha e folhelho de café pendurados por toda a parte, e rostos escuros e reluzentes, de expressão ansiosa, à roda do secador. Sentia-se que a fábrica estava suspensa na grande noite africana, como uma jóia cintilante na orelha de uma etíope. Mais tarde, o café era descascado, seleccionado e separado manualmente, e metido em sacas cosidas com uma agulha de albardeiro.

Depois, quando tudo estava acabado, de manhã cedinho, enquanto ainda era escuro, deitada na cama, ouvia os carros carregados de sacas de café, doze para transportarem uma tonelada, com dezasseis bois atrelados a cada carro, rumo à estação de caminho-de-ferro de Nairobi, subindo a grande ladeira da fábrica, no meio da maior algazarra, com os carreiros a correr ao lado. Agradava-me pensar que esta era a única subida do caminho, pois a fazenda ficava quatrocentos metros acima de Nairobi.